

Bresser afirma que vai convencer Ulysses a fazer acordo com o FMI

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Ao encerrar sua visita de seis dias aos Estados Unidos, ontem à tarde, o Ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, afirmou que está convencido de que depois de renegociar a dívida externa com os banqueiros privados americanos, ele conseguirá convencer o Presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, de que o Brasil deve fazer um acordo com o Fundo Monetário Internacional.

Segundo ele, ao atingir essa segunda etapa de sua estratégia, tanto o seu partido como o Presidente José Sarney, entenderão que será preciso passar pelo FMI para conseguir o dinheiro dos bancos japoneses — US\$ 1 bilhão por ano — com uma taxa de juros mais baixa.

Ao realizar um balanço de sua viagem, Bresser Pereira contou que repetiu a todas as autoridades americanas, e também aos banqueiros, que ele não pretende fazer um acordo com o FMI agora, basicamente por ter problemas políticos no Brasil:

— Meu partido é contra, o meu Presidente é contra... O Presidente

Sarney é muito explicitamente contra fazer esse acordo agora, e eu também sou contra. — disse o Ministro. — Mas depois, depois eu convengo o doutor Ulysses, porque terei um argumento muito forte a meu favor — afirmou Bresser Pereira.

Esse argumento, como explicou logo depois, é simples:

— Ao fazer o acordo com os bancos em primeiro lugar, sem ir ao Fundo, eu diluo a cláusula **pari passu** (monitoramento) que dá muito poder ao FMI. E, depois, eu vou precisar do dinheiro dos bancos japoneses, que pretendo obter a uma taxa de juros menor, mas eles só o concederão se fizermos um acerto com o FMI. Ora, os membros do meu partido são pessoas inteligentes e razoáveis, e estou convencido de que entenderão essa necessidade. Se eu conseguir vencer essa fase agora, eu consigo convencê-los depois — afirmou Bresser Pereira.

Seu último dia em Washington foi iniciado com uma visita ao novo Chefe do Conselho de Segurança Nacional, Frank Carlucci III. Depois ele foi recebido no Departamento de Estado pelo Subsecretário John Whitehead e, mais tarde, conversou longamente com o Presidente do Banco

Mundial, Barber Conable — após assinar os contratos de cinco empréstimos (no total de US\$ 475,5 bilhões) aprovados em maio passado.

Nessas conversas, Bresser Pereira repetiu seu discurso — “fiz a minha explanação padrão, que aos poucos foi se desenvolvendo e ficando mais bonita” — e, segundo afirmou, deixou a mesma observação que já havia feito a outras autoridades e banqueiros dos Estados Unidos:

— Logo de saída eu fui dizendo a eles que sei que não estão de acordo com a nossa idéia de negociar primeiro com os bancos, sem ir ao FMI. E que isso acontece porque eles não estão maduros para essa idéia. Mas disse que eu espero que eles amadureçam para ela, porque isso interessa não só ao Brasil mas o interesse maior é do povo e da economia americana. Eu disse: “Se vocês querem exportar para o Brasil, e nós queremos importar dos EUA, vocês precisam fazer alguma coisa no sentido de ajudar o Brasil em suas negociações” — revelou Bresser Pereira.

Segundo ele, “agora já não há muita coisa a fazer” a não ser esperar o início das negociações formais, previstas para a primeira quinzena de setembro.